

Às vésperas de Santos e Corinthians, rivalidade está em alta e alimenta torcedores

Sheila Almeida



Corinthians e Santos: rivalidade na Libertadores

O Santos enfrentou o Fluminense pelo Brasileirão, na última quarta-feira, e vai pegar o São Paulo neste domingo, às 18h30, no Morumbi. Mas quem está falando nisso? Nas ruas, escritórios e noticiários, o que mais se comenta é a partida entre Santos e Corinthians, dia 13, pela primeira partida da semifinal da Libertadores, às 21h50, na Vila Belmiro.

E assim, a competição entre torcidas, no trabalho, na família, se multiplica. Esqueça os hooligans, os guerreiros medievais, as grandes guerras por ideais. A disputa evoluiu e vive dentro do ser humano. Nas ruas ou pelas redes sociais, por causa de um jogo de futebol, a "guerra fria" continua. Tudo, por um motivo simples: a rivalidade é inerente ao ser humano.

"É uma questão de autoafirmação. Para eu formar minha identidade e pertencer a um grupo, preciso de um contra grupo", explica o psicanalista, mestre em Filosofia e professor de Psicologia nos cursos de graduação da ESPM, Pedro de Santi.

Para comprovar a tese, tente explicar a um santista que um corintiano está à sua altura, ou o contrário. O resultado pode ser uma discussão para um dia inteiro.

"Mas na verdade, é isso o que ocorre. Se eu me identifico, acho alguém do meu tamanho, pego pequenas diferenças para me afirmar em cima delas. Alguém muito maior ou muito menor, não poderei meu inimigo", exemplifica o especialista.



Torcida do Peixe fez festa na partida contra o Veléz e aguarda ansiosa para apoiar o time contra o Corinthians

Histórico

Se o primeiro exemplo de rivalidade documentado é de Caim, que matou o irmão Abel quando viu que seu sacrifício não era tão bom quanto o dele, segundo a bíblia – no esporte, ela não podia ficar de fora. A primeira disputa esportiva noticiada foi uma corrida, nos primeiros jogos olímpicos, em 776 a.C., na Grécia.

Já no futebol, competir faz parte, já que é preciso dois times para um jogo. Apesar disso, o mestre e doutor em Ciências Sociais pela PUC São Paulo José Paulo Florenzano explica que há outros conceitos.

"Se você pensar em futebol arte, por exemplo, o resultado não é tudo", diz.

No entanto, não é isso que se percebe no caso de Santos e Corinthians. Apesar das molecagens de Neymar e Ganso, do belo futebol de Liedson, Emerson Sheik e cia, seja por questões sociológicas ou histórico dos resultados, a luta pela supremacia, o orgulho, a conquista, ainda preenchem o coletivo dentro e fora de campo.

"E quando torcemos em grupo, nos sentimos mais potentes. Não que a agressividade seja inata do ser humano, mas é uma reação à frustração", diz Santi, alertando para o perigo que parece sinônimo em clássicos: a violência.

Então, para não transformar a rivalidade sadia, ousada, mas divertida, em problema, o psicólogo orienta. "Tem que equacionar a intensidade. Se você perceber que a brincadeira ficou séria, pare e fuja pelo bom humor", adverte.



Corinthianos vivem expectativa maior, já que nunca conquistaram o título e são motivo de chacota para os rivais

Nas arquibancadas, mas à distância

Uma prova de que a rivalidade não está sempre atrelada à violência é o amor de Cláudio Eduardo dos Santos, corintiano de 39 anos, e Núbia Barbosa Santos, santista de 38. Quase completando Bodas de Prata, os dois afirmam conviver harmoniosamente no mesmo lar, mesmo sendo loucos pelos seus times adversários. "Não dá briga não. Independentemente do clube, a gente se respeita, mesmo assistindo aos jogos juntos", diz o marido apaixonado.

Para quem pensa que a relação só dá certo porque os dois nem são tão ligados assim em futebol, um detalhe: eles vão aos estádios ver jogos. Inevitavelmente, para que ficassem

juntos, já que descobriram a “diferença” no início do namoro, o respeito teve que crescer com o relacionamento. E se casar exige a união das rotinas, eles aprenderam a ceder.

“Eu ia pra o Pacaembu com ele ver o Corinthians e ele ia para a Vila Belmiro comigo”, diz Núbia.

O único desgosto da mãe é saber que seu filho Arthur Barbosa Santos, de cinco anos, é corinthiano roxo. “Já desisti de fazer alguma coisa. Ele até dizia que era Arthur Barbosa Corinthians. Fazer o quê?”, brinca a mãe.



No casamento de Cláudio e Núbia, mesmo torcendo para times rivais, a regra é sempre paz e amor

Fonte: A Tribuna [Portal]. Disponível em:
<<http://www.atribuna.com.br/noticias.asp?idnoticia=152802&idDepartamento=2&idCategoria=0>>. Acesso em: 13 jun. 2012.